



PATRIMÓNIO CULTURAL DE GAIA

coordenação geral
J. A. GONÇALVES GUIMARÃES

PATRIMÓNIO DE GAIA NO MUNDO

coordenação do volume
FRANCISCO QUEIROZ



TODO UM MUNDO

Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia
Solar Condes de Resende

Gabinete de História, Arqueologia e Património (ASCR-CQ)

2021

AZULEJARIA E ORNAMENTAÇÃO CERÂMICA GAIENSE

NO CONCELHO DE OVAR (SÉCULOS XIX-XX)



Fig. 1 e 1a – Capela de Nossa Senhora das Dores, Válega. Foto Sónia Cardoso/PRU16.

Uma elevada percentagem da azulejaria dos séculos XIX e XX em edifícios civis e religiosos do concelho de Ovar é proveniente de fábricas de Vila Nova de Gaia ou é da autoria de pintores gaienses, ou que trabalharam em fábricas de cerâmica gaienses.

Se, no caso da azulejaria de padrão e dos ornamentos cerâmicos de fachada, produzidos entre as décadas de 50/60 do século XIX e os inícios do século XX, predominam, em Ovar, os artefactos provenientes da Fábrica de Cerâmica das Devesas de António Almeida da Costa, da Fábrica José Pereira Valente e da Fábrica de Louça Pereira Valente & Filhos, a partir do século XX, com a produção de painéis figurativos da autoria de pintores conceituados ao serviço das fábricas de cerâmica, nomes como Paulino Gonçalves, Duarte Meneses, António Moutinho ou Fernando Gonçalves, em muitos casos associados à Fábrica do Carvalhinho, surgem nos painéis deste tipo aplicados nos edifícios, religiosos ou civis, do concelho de Ovar¹.

1. A AZULEJARIA E A ORNAMENTAÇÃO DE REMATE DAS FACHADAS DO CONCELHO DE OVAR (SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX / INÍCIOS DO SÉCULO XX)

Ovar é conhecida como “Museu vivo do Azulejo”² devido à presença na cidade, mas também no concelho, de um elevado número de fachadas, civis e religiosas, com azulejaria e ornamentação cerâmica de remate dos séculos XIX/XX. No levantamento realizado em 2011 identificaram-se cerca de oitocentas fachadas azulejadas, ou com outra ornamentação cerâmica, no concelho de Ovar³.

As aplicações cerâmicas⁴ mais antigas do concelho situam-se entre 1850 e 1860. Os poucos exemplares desta época assinalados concentram-se no centro da cidade de Ovar, e foram produzidos pela Fábrica de Santo António do Vale da Piedade. Porém, uma elevada percenta-

gem das aplicações cerâmicas inventariadas no concelho corresponde a exemplares produzidos entre 1880-1910, mais de metade pela Fábrica de Cerâmica das Devesas de António Almeida da Costa, seguindo-se a Fábrica do Carvalhinho (então localizada no Porto), e a Fábrica José Pereira Valente.

No caso da Fábrica de Cerâmica das Devesas de António Almeida da Costa, registaram-se guarnições e padrões diversificados, pintados, a maioria, com a técnica da estampilhagem, recorrendo-se a uma paleta variada de cores e de temas geométricos e florais. A técnica da estampilhagem representa, na verdade, a técnica de pintura predominante nos azulejos existentes em Ovar, seguindo-se, em número de exemplares registados no concelho, os azulejos estampados.

Quase todos os azulejos de padrão, dos mais antigos aos das primeiras produções do século XX, apresentam-se, nas várias tipologias arquitetónicas do concelho, acompanhados de azulejos de cercadura a “emoldurar” as composições principais, à exceção dos azulejos aplicados em platibandas. Nestes casos, estas são anunciadas por uma barra de azulejos de padrão, ou de padrão e cercadura, podendo por vezes ser interrompidas pela cartela que anuncia a data e as iniciais do proprietário.

O revestimento com azulejaria de padrão e cercadura encontra-se, não só aplicado nas fachadas dos edifícios civis, mas também nos edifícios de cariz religioso, designadamente em capelas (exemplos: Capela de Santo António, na cidade de Ovar, Capela de Nossa Senhora das Dores, em Válega (Fig. 1 e 1a) e uma capela em Pereira Jusã) e em jazigos-capela (exemplos: em Cortegaça e em Arada), mantendo-se habitualmente a mesma disposição de emolduramento.

Esta disposição e técnicas alteram-se ligeiramente nas fachadas azulejadas de inspiração Arte Nova, mas mantém-se, no concelho, a predominância de exemplares das fábricas gaienses já referidas: a Fábrica de Cerâmica das Devesas de António Almeida da Costa e a Fábrica de José Pereira Valente. Embora a estampilhagem continue a ser a técnica de decoração predominante no início do século XX, para esta época as mencionadas fábricas recorrem por vezes à pintura manual, à aerografia e à vidragem. Refira-se ainda a estampagem em chacota pó-de-pedra, típica da Fábrica de Louça de Sacavém (de Loures) e da Fábrica de Louça Valente & Filhos, de Vila Nova de Gaia. A Fábrica de Louça de Sacavém, pelo número de exemplares existentes em Ovar, rivalizava com as fábricas de Vila Nova de Gaia já apontadas e ainda com a Fábrica do Carvalhinho. Nos periódicos owarenses da viragem para o século XX, são recorrentes os anúncios à Fábrica de Louça das Devesas de José Pereira Valente & Filhos e à Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho.



Fig. 2 – Exemplo de uma marca impressa na chacota. Foto ACRA/Isabel Ferreira.

NOTAS

(1) Relatório final do Projeto de Inventariação das Fachadas Azulejadas do Concelho de Ovar (PRU16), efetuado ao abrigo do Programa de Caracterização e Valorização dos Recursos Endógenos Estratégicos / Programa de Valorização Empresarial do Azulejo Tradicional de Ovar (PRU16), 2011, p. 13-17. O levantamento foi adjudicado pela Câmara Municipal de Ovar à empresa Archeoestudos, foi coordenado por Francisco Queiroz e contou com a colaboração da então Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões.

(2) Designação atribuída na década de 1980 por Rafael Salinas Calado.

(3) Veja-se a primeira nota deste texto.

(4) Referimo-nos a azulejos e a outros ornamentos cerâmicos, como vasos, pinhas, balaústres e estatuetas.

(5) «A modelo desta peça terá sido Maria Crista, mulher humilde de Ovar, carreiteira de várias firmas», segundo NEVES, 2011: 6.

(6) Em particular «às técnicas e à solução da pintura azul e branco evocativa do Ciclo dos Mestres e da Grande Produção Joanina» (CARVALHO; QUEIROZ, et al., 2013: 144).

(7) Aqui trabalharam pintores como: Fernando Gonçalves, Duarte Meneses, Francisco Macedo e Paulino Gonçalves (PEREIRA, 2009: 15).

(8) A Fábrica do Carvalhinho notabilizou-se «na produção de réplicas de azulejos seiscentistas e setecentistas (...), recolhendo os padrões desses azulejos em vários solares, palácios e conventos de Portugal» (PEREIRA, 2009: 15).



Fig. 3, 4 e 5 – Pinhas policromas, com pintura à mão livre e pormenores estampilhados no pé, atribuídas à Fábrica de Cerâmica das Devesas de António Almeida da Costa. As duas primeiras encontram-se na cidade de Ovar. Fotos ACRA/Isabel Ferreira; a última na freguesia de Válega. Foto Sónia Cardoso/ PRU16.



Fig. 6 e 7 - Pinhas vidradas a azul no topo (Fig. 6) e a amarelo (Fig. 7), com pintura policroma à mão livre nos restantes elementos. Atribuídas à Fábrica de Cerâmica das Devesas, cidade de Ovar e freguesia de Cortegaça, respetivamente. Foto Sónia Cardoso/PRU16.

1.1. EXEMPLOS DE ORNAMENTOS CERÂMICOS DE REMATE DAS FÁBRICAS GAIENSES

Em Ovar, a azulejaria de fachada deste período faz-se habitualmente acompanhar de platibandas decoradas com ornamentos cerâmicos de remate, tais como: balaústres, pinhas, vasos, urnas, pináculos e figuras escultóricas, na maioria atribuíveis à Fábrica de Cerâmica das Devesas de António Almeida da Costa, apesar de existirem também alguns exemplares atribuídos à Fábrica de José Pereira Valente ou à sua sucessora Fábrica Pereira Valente & Filhos.

De uma maneira geral, são peças cerâmicas produzidas por moldagem, vidradas de branco estanífero e com acabamentos a azul pintados à mão livre. Quando existe uma inscrição (com o nome da fábrica ou da alegoria representada, por exemplo), esta surge estampilhada a azul, ou (mais frequentemente) sob o vidrado, inciso na chacota (Fig. 2).

Porém, à exceção de balaústres, leões, urnas e figuras escultóricas, assinalaram-se no concelho peças de fabrico gaiense com outras cores e técnicas decorativas, nomeadamente: pinhas com decorações policromas, estampilhadas e com apontamentos à mão livre (Fig. 3, 4 e 5); pinhas vidradas de amarelo, ou azul, com pinturas policromas à mão livre (Fig. 6 e 7); vasos vidrados de branco com paisagens pintadas à mão livre, a azul (Fig. 8), ou a verde; peças em terracota, e por último - com apenas um caso registado - pináculos policromados (Fig. 9).

Por sua vez, as figuras alegóricas de remate quase não apresentam variações na decoração ou nas cores, mas nos que representam. A título de exemplo, num levantamento realizado na cidade de Ovar (VECHINA, 2012) registaram-se quarenta e uma estátuas ainda subsistentes em fachadas de edifícios: doze a representar ofícios (Agricultura, Arquitetura, Artes, Comércio, Indústria, Marinha e Saúde); dez, os continentes (América, Europa, Ásia e

África); quatro, as virtudes ou valores humanos (Amizade e Bondade), quatro, a mitologia greco-romana (Neptuno e Tritão); três, as virtudes teológicas (Fé, Esperança e Caridade); duas, as estações do ano (Primavera), três, profissões ou reproduções de conhecidas esculturas de José Joaquim Teixeira Lopes com temática moralista ou de costumes (Bailarina, Salteador, “A união faz a força”), uma figura para repuxo (“Pequeno peixe”), e por último, os meses (Outubro) e santos (S. Tomé). (Fig. 10 a 19).

À semelhança dos outros ornamentos cerâmicos no concelho, mais de metade destas figuras encontra-se atribuída à Fábrica de Cerâmica das Devesas de António Almeida da Costa, surgindo no catálogo publicado por esta fábrica em 1910. Embora nem sempre seja possível determinar a relação entre a figura representada e a função, a posição ou o ofício do proprietário que a adquiriu, existem algumas exceções, tais como: a “Varina”, atualmente no Museu de Ovar, proveniente da fachada principal da antiga fábrica de conservas alimentícias, A Varina, da cidade de Ovar; ou as figuras escultóricas da fachada do Museu Escolar Irmãos Oliveira Lopes, da freguesia de Válega.

No caso da figura cerâmica intitulada a “Varina”²⁵ produzida pela Fábrica de Cerâmica das Devesas de António Almeida da Costa, servia de coroamento e decoração da fachada principal da fábrica a vapor de conservas alimentícias A Varina, fundada em 1903, em Ovar, pela firma Gomes, Menéres & C.^a Lda.. (Fig. 20).

Na mesma cidade (Ovar) e com a mesma origem (Fábrica de Cerâmica das Devesas), destacam-se as três figuras alegóricas (Fé, Esperança e Caridade) que encimam a platibanda da designada Casa de S. Lourenço, a qual tem capela privada dedicada a S. Lourenço e pertenceu ao Padre Ventura da Silva.

São atribuídas a fábricas de Gaia - das Devesas ou de José Pereira Valente - duas figuras cerâmicas, vidradas de branco estanífero: “Minerva”, deusa greco-romana da sabedoria e das artes (Fig. 21), e uma alegoria à Instrução ou ao Ensino (Fig. 22). Ambas servem de coroamento à fachada principal do Museu Escolar Irmãos Oliveira Lopes, em Válega, fundado em 1910 como escola primária pelos irmãos beneméritos da mesma freguesia, José e Manuel José de Oliveira Lopes.

1. 2. OUTRAS PEÇAS CERÂMICAS DE PRODUÇÃO GAIENSE

Além das figuras existentes em fachadas, jardins ou museus de Ovar (VELOSA et al., 2012: 41), salientam-se dois jarrões de produção gaiense, provenientes da sacristia da Igreja Matriz de Arada (Fig. 23 e 24), ambos produzidos na Fábrica de Cerâmica José Pereira Valente.



Fig. 8 - Vaso com a representação de uma cena pintada à mão livre, e a inscrição Fábrica de Cerâmica das Devesas, na base, estampilhada a azul, freguesia de Válega. Foto Sónia Cardoso/PRU16.



Fig. 9 - Pináculo vidrado de branco, com pormenores pintados à mão livre a amarelo, e inscrição estampilhada a azul com o nome da fábrica na base. Produzido na Fábrica Pereira Valente, Filhos, cidade de Ovar. Foto Sónia Cardoso/PRU16.



Fig. 10 - Figura alegórica vidrada de branco com apontamentos à mão livre a azul, atribuída à Fábrica de Cerâmica das Devezas, Furadouro. Foto Sónia Cardoso/ PRU16.



Fig. 11 - "O Saltador", figura alegórica vidrada de branco com apontamentos à mão livre a azul, produzida pela Fábrica de Cerâmica das Devezas. O nome da peça e da fábrica encontram-se marcados na base da peça, cidade de Ovar. Foto Sónia Cardoso/ PRU16.



Fig. 12 - "Neptuno", figura vidrada de branco com apontamentos à mão livre a azul, atribuída à Fábrica de Cerâmica das Devezas, cidade de Ovar. Foto Sónia Cardoso/PRU16.



Fig. 13 - "A união faz a força", figura vidrada de branco com apontamentos à mão livre a azul, atribuída à Fábrica de Cerâmica das Devezas, cidade de Ovar. Foto Sónia Cardoso/PRU16.



Fig. 14 - "Saúde", figura vidrada de branco com apontamentos a azul, produzida pela Fábrica de Cerâmica das Devezas. O nome da fábrica e da figura encontra-se marcado na base, cidade de Ovar. Foto Sónia Cardoso/PRU16.



Fig. 15 - "Marinha", figura vidrada de branco com apontamentos à mão livre a azul, atribuída à Fábrica de Cerâmica das Devezas, cidade de Ovar. Foto Sónia Cardoso/PRU16.



Fig. 16 - "Bondade", figura vidrada de branco com apontamentos à mão livre a azul, produzida pela Fábrica de Cerâmica das Devezas. O nome da fábrica encontra-se estampilhado a azul na base da figura, cidade de Ovar. Foto Sónia Cardoso/PRU16.



Fig. 17 - "Amizade", figura vidrada de branco com apontamentos a azul, produzida pela Fábrica de Cerâmica das Devezas. O nome da fábrica e da figura encontra-se marcado na base da peça, cidade de Ovar. Foto Sónia Cardoso/PRU16.



Fig. 18 - Os ofícios: "Agricultura", "Indústria", "Artes" e "Comércio". Estatuetas vidradas de branco com apontamentos a azul, produzidas pela Fábrica de Cerâmica das Devezas. O nome da fábrica e das figuras encontra-se marcado na base.

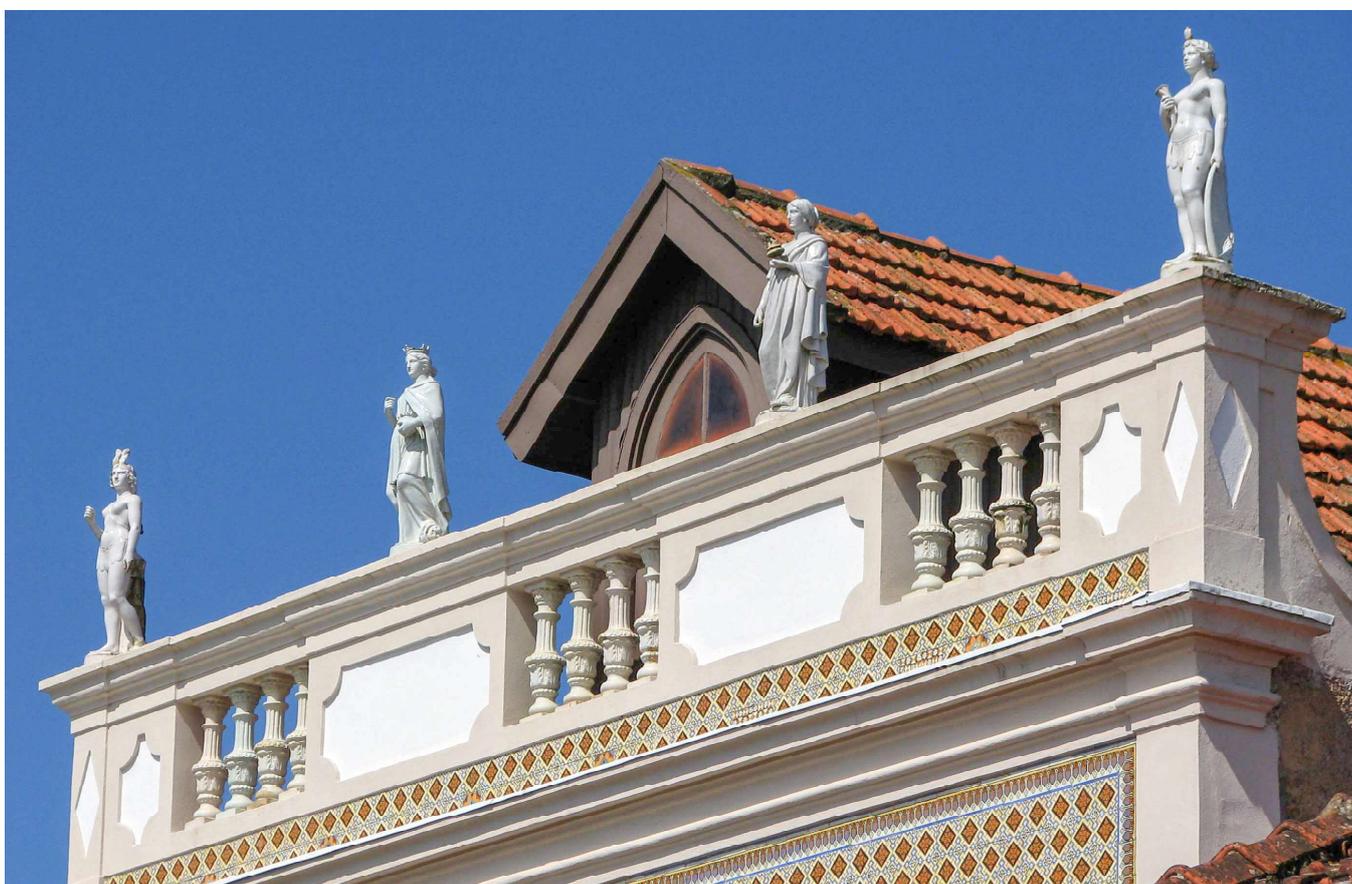


Fig. 19 - Os continentes: América, Europa, Ásia e África. Estatuetas vidradas de branco com apontamentos a azul, atribuídas à Fábrica de Cerâmica das Devezas. Fotografia Francisco Queiroz.



Fig. 20 - “Varina”, figura vidrada e pintada à mão livre, produzida pela Fábrica de Cerâmica das Devezas. O nome da fábrica e da figura encontra-se marcado na base da peça. Foto Isabel Ferreira/ACRA.



Fig. 21 - «Minerva». Foto Francisco Queiroz / IPC.



Fig. 22 - Figura alegórica à “Instrução” ou ao “Ensinho”. Foto Isabel Ferreira / ACRA.



Fig. 23 - Jarro vidrado de branco estanífero com decorações pintadas à mão livre a azul, produzido na Fábrica de Cerâmica de José Pereira Valente. Foto Isabel Ferreira / ACRA.



Fig. 24 - Jarro vidrado e pintado em tons de castanho, preto, azul e verde, produzido na Fábrica de Cerâmica de José Pereira Valente. Foto: Isabel Ferreira / ACRA.

2. AZULEJOS DE PADRÃO E DE AUTOR DAS FÁBRICAS DE GAIA (SÉCULO XX)

Em Ovar, a partir da década de 1910 até, sensivelmente, à década de 1960, mantém-se nos edifícios religiosos o gosto pelo revestimento integral das fachadas, quer com azulejo de padrão, quer com composições figurativas. Paralelamente, tanto nos edifícios religiosos como nos edifícios públicos, verifica-se o recurso a azulejos de padrão para a decoração de lambris interiores. São também recorrentes os painéis figurativos (de cariz religioso ou etnográfico) da autoria de pintores ao serviço das fábricas de cerâmica, aplicados, tanto no interior (exemplos: igrejas de Ovar, Cortegaça e Esmoriz), como no exterior (exemplos: jazigo-capela em Válega, Igreja de Maceda, Capela de Nossa Senhora da Nazaré, em Cortegaça, entre muitos outros).

Neste período, muitos dos padrões utilizados no interior dos edifícios religiosos e públicos, e no exterior nas fachadas residenciais, são inspirados nos padrões de tipo “tapete” do século XVII, e produzidos pela Fábrica do Carvalhinho, já depois de esta se ter instalado em Vila Nova de Gaia.

Também no caso dos azulejos figurativos, embora existam em Ovar obras de Jorge Colaço, pela Fábrica Lusitânia (exemplo: interior da Igreja de Válega), de Licínio Pinto e Francisco Pereira, pela Fábrica da Fonte Nova, de Aveiro (exemplo: Estação Ferroviária de Ovar), ou de pintores da Fábrica Aleluia, também de Aveiro (Fonte de Júlio Dinis, em Ovar), são mais frequentes, em todo o tipo de edifícios do concelho de Ovar, os registos de pintores e/ou de fábricas de Vila Nova de Gaia, nomeadamente: Duarte Meneses, António Moutinho e Fernando Gonçalves, pela Fábrica do Carvalhinho; Paulino Gonçalves, pela Fábrica das Devesas de António Almeida da Costa; e F. Macedo pela Fábrica de Louças das Devesas – Valente, Irmãos Lda.

2. 1. EXEMPLOS DE AZULEJARIA NOVECENTISTA, DE PADRÃO E/OU DE AUTOR

Os conjuntos azulejares da Capela de Nossa Senhora da Nazaré, em Cortegaça, e da Igreja de S. Domingos, em S. João de Ovar, representam o retorno aos temas figurativos e aos padrões portugueses do período barroco⁶.

Produzidos em 1963, pela Fábrica do Carvalhinho, os azulejos da Capela da Senhora da Nazaré são compostos por dois painéis hagiográficos assinados por Duarte Meneses («DM» ?), acompanhados por azulejos de padrão. (Fig. 28). Na pintura dos painéis hagiográficos, a fábri-



Fig. 25 – Painel hagiográfico de Nossa Senhora da Nazaré, pintado na Fábrica do Carvalhinho por «D.M.», possivelmente Duarte Meneses. Foto: Sónia Cardoso / PRU16.



Fig. 26 - A «Última Ceia» (ou Ceia de Jesus Cristo?) (capela-mor), produzido pela Fábrica de Cerâmica do Carralinho (1955), da autoria de «D.N.» (Duarte Meneses?). Foto: Isabel Ferreira /ACRA.



Fig. 27 - A «Pesca Miraculosa» (capela-mor), produzido pela Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho (1955), da autoria de «D.M.» (Duarte Meneses?). Foto Isabel Ferreira / ACRA.



Fig. 28 – Jazigos azulejados (séc. XIX/XX) do cemitério de Cortegaça. Foto Sónia Cardoso/ PRU16.



Fig. 29 – Azulejos da fachada da Igreja Matriz de Cortegaça (1922-24), produzidos na Fábrica de Louças das Devesas, pintados no Atelier Badessi. Foto Isabel Ferreira /ACRA.

ca socorreu-se de um dos seus vários pintores “talentosos”⁷⁷. Para os padrões, inspirou-se na padronagem portuguesa do século XVII⁸, publicando, no terceiro quartel do século XX, um catálogo «exclusivamente dedicado à recuperação de motivos caraterísticos dos séculos XVII e XVIII» (CARVALHO; QUEIROZ, *et al.*, 2013: 137).

Tal como o exemplo anterior, também a Igreja de S. Domingos, em S. João de Ovar, encontra-se revestida na sua fachada principal com um padrão de tipo “tapete” a lembrar o século XVII, possivelmente produzido pela Fábrica do Carvalhinho, ladeado por dois painéis hagiográficos (S. Domingos e Nossa Senhora do Amparo), ambos datados de 1952. Apenas o painel de Nossa Senhora do Amparo ostenta assinatura atribuível a Duarte Menezes («D.M.») e o nome da Fábrica do Carvalhinho.

O conjunto azulejar da Capela de Nossa Senhora da Nazaré não é o único deste período, fábrica, e contexto, em Cortegaça. Destacam-se, na Igreja Matriz de Cortegaça, os seguintes painéis:

- a) Painel alusivo ao Baptismo de Cristo datado de 1955, pintado por «D.M.» (possivelmente Duarte Menezes);
- b) Dois painéis na capela-mor: a Ceia de Jesus Cristo e a Pesca Miraculosa, ambos pintados por «D.M.», sem datação, aplicados em 1956 (Fig. 26 e 27).

Manteve-se, assim, uma tradição de revestimento com azulejos em Cortegaça, iniciada nos finais de Oitocentos com as fachadas dos jazigos do cemitério antigo (Fig. 28), e, entre 1922-24, com o revestimento da fachada principal da Igreja Matriz, tendo sido os azulejos produzidos na Fábrica de Louças das Devesas, e pintados no Atelier Badessi, de Vilar do Paraíso (Fig. 29).

Nas supramencionadas igrejas, durante o segundo quartel do século XX assiste-se ao recurso a azulejos de padrão para o revestimento integral de fachadas, no exterior, e/ou a painéis figurativos e a azulejos de padrão nos silhares, no interior. Como exemplo de revestimento integral no exterior, mencionamos a Igreja Matriz de Ovar - cujo azulejamento se verifica em 1927 - e a fachada exterior da Igreja de Esmoriz, com azulejos aplicados entre 1920 e 1930, nesta última fase procedentes da Fábrica de Cerâmica de Valadares. Também desta fábrica e sensivelmente do mesmo período são os dois painéis hagiográficos da fachada da Igreja de Maceda, igualmente revestida com azulejaria de padrão novecentista, semelhante ao padrão e cercadura da Igreja Matriz de Ovar, possivelmente da Fábrica de Cerâmica das Devesas.

No interior da Igreja Matriz de Ovar existe um painel figurativo sobre o Baptismo de Cristo, pintado e assinado por «F. Macedo» na Fábrica de Louças das Devesas – Valente, Irmãos Lda., datado de 1945, assim como, nos

silhares, azulejos de padrão a imitar a azulejaria de tipo “tapete” do século XVII, possivelmente da Fábrica do Carvalhinho. Mencionemos ainda os silhares da Igreja de S. Vicente Pereira (retirados em 2006) e da Igreja de Arada, estes últimos compostos por azulejos produzidos pela Fábrica de Cerâmica das Devesas de António Almeida da Costa.

Por último, como exemplo de revestimento integral com um painel figurativo de autor, assinado e datado, em contexto cemiterial, destaca-se um jazigo no Cemitério de Válega com azulejos de Paulino Gonçalves de 1915 feitos na Fábrica de Cerâmica das Devesas de António Almeida da Costa. (Fig 33).

Relativamente a painéis assinados em fachadas dos edifícios residenciais do concelho de Ovar, na freguesia de Cortegaça assinalam-se oito painéis deste tipo:

a) Quatro assinados possivelmente por António Moutinho («A. Moutinho» e «A.M.»?): um com uma cena campestre, e três hagiográficos (Santo António, Santa Amélia e Imaculada Conceição), todos sem datação;

b) Quatro assinados por Fernando Gonçalves («F.G.» e «F. Gonçalves»): dois com cenas piscatórias, datados de 1949 (?), e dois hagiográficos (Santo António e Santa Amélia), sem datação.

Nas freguesias de Esmoriz, Arada, e em Ovar (cidade), assinalam-se cinco painéis:

a) Dois painéis assinados por Duarte Menezes («D.M.», «Fábrica do Carvalhinho»): um painel hagiográfico (Nossa Senhora da Graça), em Arada, e um painel com uma cena piscatória/marítima, em Esmoriz, de 1949;

b) Dois painéis assinados por Fernando Gonçalves («F.G.»): um em Esmoriz, de 1981, com a indicação «V. N. Gaia», e o segundo na cidade de Ovar, com a inscrição «F. do Carvalhinho. Gaia», sem datação;

c) Um painel em Esmoriz com uma cena piscatória/marítima, assinado por «A.G.S.B»(?), produção da Fábrica do Carvalhinho, de 1949.

Maria Isabel Moura Ferreira



Fig 30 – Azulejos da fachada do jazigo do cemitério de Válega, da Fábrica de Cerâmica das Devesas de António Almeida da Costa, de 1915, da autoria de Paulino Gonçalves. Foto Isabel Ferreira /ACRA.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, Rosário Salema de; QUEIROZ, Francisco; et. al. (2013) – *Do azulejo manual ao azulejo industrial: a presença da padronagem portuguesa tradicional na produção da Fábrica do Carvalhinho*. «Revista do Instituto de História da Arte». Lisboa: Centro de Investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. «Cadernos de História da Arte», n.º 1.
- NEVES, José de Oliveira – *Fábricas de conservas “A Varina”*. «Jornal João Semana, 1 janeiro» 2011, Ovar.
- PEREIRA, Hugo Silveira (2009) – *A ação social, desportiva e cultural da Fábrica do Carvalhinho*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», n.º 69. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural dos Amigos de Gaia.
- VECHINA, Sofia Nunes (2012) – *A ornamentação cerâmica na cidade de Ovar. As alegorias e o tratado de Cesare Ripa – Caso de estudo*. Comunicação apresentada no Congresso Internacional do Projeto “AZULEJAR – Conservação de Revestimentos Azulejares”. Aveiro.
- VECHINA, Sofia Nunes (2010) – *A Igreja Matriz de Ovar nos séculos XVII-XIX: obras e artistas*. Porto: CEPSE.
- VECHINA, Sofia Nunes (2007) – *Inventariação da arquitetura religiosa de função paroquial nas freguesias de Cortegaça, de Esmoriz e de Ovar*. Revista «Dunas, temas & perspetivas». Ovar: Câmara Municipal, ano VII, n.º 7.